

## 'O QUE PENSAM OS PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL SOBRE A 'GAGUEIRA'

Viviane VILLANI<sup>1</sup>

Daniella Thaís CURRIEL

Cristiane Moço Canhetti OLIVEIRA

**RESUMO:** A educação escolar tem por objetivo, dentre outros, aprimorar o desenvolvimento da comunicação humana através da linguagem oral, gestual e escrita. Estudos têm mostrado que os distúrbios da comunicação humana podem interferir na socialização primária e secundária da criança e prejudicar o processo da aprendizagem escolar. A detecção e tratamento precoces destes distúrbios são imprescindíveis à inserção social da criança e neste sentido os professores das séries iniciais desempenham papel fundamental. Dentre os distúrbios da comunicação humana que afetam a socialização da criança e que podem implicar distúrbios de aprendizagem, sobretudo de leitura e escrita, destaca-se a gagueira. A complexidade e relevância dessa problemática para o processo da aprendizagem escolar ao lado da grande incidência de crianças em fase de alfabetização com gagueira impõem investigá-la na interface Educação e Fonoaudiologia. Com este objetivo, através de questionário semi-estruturado, identificamos concepções e atitudes de professores em formação inicial (alunos do 3º ano de um curso de Pedagogia), sobre gagueira (etiologia, sintomatologia e tratamento) e suas possíveis relações com o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita de crianças com o problema. Os resultados preliminares denotam a importância deste estudo como um caminho para melhor compreender a problemática da 'gagueira' e favorecer a construção de saberes pedagógicos necessários à socialização e à aprendizagem de crianças com o problema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Senso Comum; Conhecimento Pedagógico; Gagueira; Formação de Professores

### **ABSTRACT: WHAT DO THE TEACHERS IN BASIC EDUCATION THINK ABOUT**

The formal education has as objective, among others, to improve the development of human communication through oral, gesture and written language. Studies have showed that disturbances in human communication might interfere in child's primary and secondary socialization and impair the process of learning. The precocious detection and handling these disturbances is essential to the social insertion of the child and in this direction professors of the initial series play a basic role. Amongst the disturbances of human communication that affect the socialization of the child and that can imply in learning impairments, over all in reading and writing, the stammering is distinguished. The complexity and relevancy of this problematic to the scholar learning process as well as the large incidence of children in lettering phase with stammering requires further investigation through Education and Phonoaudiology interface. With this in mind, through a semi-structured questionnaire, we identified teachers' conceptions and attitudes who work with basic education (students of 3<sup>o</sup>. year in a Pedagogy course), about stammering (ethyologi, sintomatology and treatment) and their possible relations with teaching and learning process of reading and writing with children who show the problem. The preliminary results show the importance of this work as a way to better understand the stammering problematic to ease the construction of pedagogic knowledge necessary to the socialization and learning in children with the problem.

**KEY-WORDS:** Common Sense; Pedagogic Knowledge; Stammering; Teacher Formation

<sup>1</sup> Departamento de Fonoaudiologia - Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – 17525-900 - Marília – Estado de São Paulo - Brasil.

## Introdução

Segundo a American Speech-Language Hearing Association (1999), a gagueira é um distúrbio da fluência caracterizada por repetições de monossílabos e de parte de palavras, prolongamentos de sons audíveis e/ou bloqueios, podendo ou não estar acompanhado de movimentos acessórios. Pode ocorrer como resultado de problemas de natureza biológica ou psicológica ou, então, de certos processos lingüísticos, afetivos, cognitivos ou, ainda, alguns desses fatores combinados.

Dinville (1993) destaca que apesar deste tipo de distúrbio surgir freqüentemente na primeira infância, não aparece quando a criança começa a falar e sim quando começam os seus contatos com outras pessoas. Para os casos de gagueira já instalada, o distúrbio pode ser acentuado se o ambiente escolar não for adequado. São exemplos disso, a exigência de expressões novas no momento em que a criança entra na escola, relacionadas, portanto, à mudança do ambiente familiar para o ambiente escolar, ou exigências de esforços de atenção para a escolha de palavras e para a construção de frases.

Considerando-se que os escolares são pessoas que sofrem influências do ambiente familiar e escolar, em uma troca constante de experiências, e que estas podem ser favoráveis ou desfavoráveis ao seu desenvolvimento, conforme lembra Pereira et al. (1995), é possível inferir que as tensões que surgem na escola podem ser resultantes de linguagens e representações adquiridas no processo de socialização primária.

Os estudos de Morais (1992) corroboram esse pressuposto e demonstram que as diferenças de linguagens e representações da criança em relação àquelas que permeiam o ambiente escolar apresentam implicações indesejáveis ao rendimento escolar, sobretudo de escolares de classes desfavorecidas.

Guitar (1998), ao estudar o desempenho escolar dos gogos demonstra que pode ser levemente abaixo da média, em função de dois fatores: (1) o gago pode responder que não sabe para um professor, para não ter que correr o risco de gaguejar, ou (2) por problema de linguagem relacionado com a gagueira.

Em relação a atitudes de professores com crianças que gaguejam, Barbosa & Chiari (1998) afirmam serem bastante variadas e as atribuem a vários fatores, entre eles, ao desconhecimento da etiologia deste tipo de distúrbio, à estrutura social e ao seu padrão de comportamento – fatores que impregnam o conhecimento de senso comum, gerando preconceitos em relação à gagueira e ao indivíduo que gagueja.

Estudos diversos apontam a gagueira como sendo de natureza emocional, agravada por atitudes inadequadas decorrentes de idéias e

crenças errôneas a respeito deste tipo de disfunção (Barbosa & Chiari, 1998).

Ainsworth & Fraser (1989) e Dalton & Hardcastle (1996), citados por Barbosa & Chiari (1998), por exemplo, ressaltam que a ansiedade e a necessidade de corrigir a fala da criança podem colaborar para o agravamento do problema. Por outro lado, diante da questão de como reagir “adequadamente” à gagueira da criança, os leigos podem “não reagir”.

É bastante comum encontrarmos pessoas que têm o hábito de solicitar às crianças que gaguejam que falem mais devagar, com mais calma, por relacionarem a gagueira ao nervosismo – uma atitude paradoxal segundo Friedman (1986) e Jakubovicz (1986) que, a respeito disso, advertem: “as pessoas pedem para o indivíduo que gagueja falar devagar, acalmar-se, relaxar, mas este tipo de conselho pouco adianta, pois é obvio que ninguém pode gaguejar e relaxar ao mesmo tempo”. (p. 24)

Os professores, conforme mostra Giroto (1998), têm se mostrado sensíveis a essa problemática e clamam por conhecimentos mais específicos a respeito dos distúrbios da comunicação.

Considerando-se que o período de vida escolar é decisivo na socialização da criança e que pode ser a fonte de muitas das suas dificuldades de aprendizagem, a exemplo de Barbosa (1995); Chiquetto (1992), Barbosa & Chiari (1998), Ruscello et al (1994) e outros, acreditamos que a orientação aos professores a respeito da gagueira e das crenças equivocadas sobre o indivíduo que gagueja seja fundamental no âmbito de um trabalho preventivo.

Entretanto, em razão da complexidade da problemática do ensino e da aprendizagem escolar, exigente de saberes disciplinares e pedagógicos dos professores, não nos parecem suficientes ações preventivas assentadas apenas em orientações, sem que os professores sejam instrumentalizados para ações mais efetivas e favorecedoras à aprendizagem de crianças com o problema.

Acreditamos que sejam necessários estudos mais aprofundados na busca de um saber pedagógico, admitindo a sua importância ao ato educativo, conforme lembra Salvador (1994) – uma condição que impõe investigar os saberes dos professores no intuito de compreender de que forma concorrem na configuração dessa problemática.

Para além disso, acreditamos que alterar atitudes e comportamentos impõe, de alguma forma, contrariar a lógica da construção de saberes que justificam atitudes inadequadas, admitindo que as idéias espontâneas e errôneas emergem no cotidiano de vida, sob influência do senso comum, e não levam em conta aspectos particulares da realidade.

Os aspectos particulares de uma dada realidade são, entretanto, investigados pelas ciências e qualquer tentativa de alterá-los exige identificá-los, compreendê-los nas relações específicas que apresentam num dado contexto sócio-cultural.

### A problemática da construção de saberes pedagógicos sobre a "gagueira"

A importância de se conhecer modos de pensar e agir que configuram o senso comum, visando contribuir para a construção de conhecimentos produzidos pelas ciências, assenta-se na idéia de que o ser humano constrói o seu conhecimento cotidiano a partir da realidade vivida, a partir de observações e, portanto, nem sempre utilizando metodologias científicas.

Nesta abordagem, a construção de conhecimentos determinantes do desenvolvimento individual e coletivo é pertinente à cultura e à interação social. A educação científica implica, necessariamente, a transformação substantiva de idéias e crenças errôneas (Hewson, 1981; Strike e Posner, 1982; Hahwed, 1986) – um trabalho simbólico de "significar" a parcela da realidade que se conhece.

No campo do Ensino das Ciências, estudos diversos assentados neste pressuposto têm mostrado que os conceitos, as idéias e as crenças que os sujeitos constroem no dia-a-dia norteiam seus modos de agir e seus modos de racionalizar a experiência vivida e, nesta mesma abordagem, podem ser justificadas as práticas pedagógicas dos professores (Jimenez, 1996).

Analisar este modo de construir conhecimentos na sociedade contemporânea, entretanto, num momento em que os saberes e práticas apresentam-se em 'desordens' de natureza epistemológica, não é nada fácil.

No atual contexto social há grande diversidade de idéias de professores e de estudantes a respeito da natureza das ciências (Harres, 2000). O ensino das ciências têm sido realizado mais na perspectiva *cientifista* e o absolutismo epistemológico dos professores ainda é evidente (Praia & Cachapuz, 1994; Haswhed, 1996).

Assim sendo, enfrentar o desafio de contribuir para uma sociedade cientificamente letrada e apta a lidar com a ciência, levando-se em conta o conhecimento científico, o papel da escola e dos professores neste processo, impõe partilhar valores e objetivos envolvendo a organização escolar e ações em 'alvos centrais' (o currículo, a experiência do aluno na sala de aula, as concepções e comportamentos dos professores, o sucesso dos alunos, etc), a partir de uma clara concepção e fundamentação básica de projeto de aperfeiçoamento, conforme defende Glatter (1992, p.153).

Para além do que se coloca, considerando-se que os saberes de ensino são de natureza cultural, psicopedagógica, epistemológica e científico-disciplinar (Hodson, 1988), contribuir para a sua transformação exige esforços conjuntos e articulados envolvendo mais de um campo do conhecimento.

Assim, ao iniciarmos os nossos estudos a respeito da problemática da gagueira e das suas relações com a leitura e escrita de crianças com o problema, procuramos, num primeiro momento, identificar e categorizar concepções e comportamentos de um amostra de professores em formação inicial.

Consideramos importante conhecer de que forma os professores conceituam a 'gagueira' (etiologia, sintomatologia e tratamento), e, ainda, de que forma a relacionam a aspectos do processo do ensino e da aprendizagem de crianças com o problema, entendendo que as ações educativas concretizam-se na relação estreita entre o sujeito e o objeto (neste caso, o professor e a criança com o problema) onde devem ser centrados os esforços de investigação, a relação professor-aluno.

### Procedimentos e abordagens

Aplicamos um questionário em uma amostra de 32 professores das séries iniciais que se encontram em formação inicial (alunos do 3º ano de um curso de Pedagogia), levando-se em conta: a) o conceito de 'gagueira' (etiologia, sintomatologia e tratamento); b) o conhecimento dos professores a respeito de situações de ensino e de aprendizagem escolar (leitura e escrita) de crianças gagas, em fase inicial de alfabetização.

As concepções e atitudes desses professores foram categorizadas por meio da análise das suas respostas a um questionário semi-estruturado e transformadas em porcentagens.

As respostas que não permitiram análise da natureza pretendida não foram consideradas para efeito de apresentação neste trabalho, fato que explica incompletude matemática dos resultados apresentados.

### Resultados preliminares

O Conhecimento dos professores sobre a gagueira e a sua valorização em situações de ensino e aprendizagem escolar

A nossa análise a respeito do conhecimento dos professores sobre a gagueira nos permite afirmar que 88% afirmam 'conhecê-la' de alguma forma. Desses, 18% afirmam terem ouvido o assunto por meio de diversas fontes de informações teóricas envolvendo mídia, profissionais especialistas, leituras, etc.

Perguntados sobre a importância de conhecerem melhor a problemática da gagueira e

suas relações com situações de ensino-aprendizagem escolar os professores apontam a necessidade do aprofundamento deste tipo de conhecimento. Entretanto, conforme mostrado a seguir, os professores têm saber um incipiente respeito dessa problemática, caracterizado como sendo de senso comum, permeado de crenças e idéias errôneas tanto a respeito da gagueira quanto do sujeito que gagueja.

### Conceitos, idéias e crenças sobre a gagueira (etiologia, sintomatologia e tratamento)

A análise das respostas dos professores ao questionário nos permite afirmar o que segue:

A 'gagueira' é concebida por 85% dos professores como sendo um tipo de distúrbio de fala; 51% deles acreditam ser o distúrbio de natureza psicológica, enquanto que 22% acreditam que seja de origem orgânica e 16% de origem não específica.

Dentre os professores investigados, 59% caracterizam a gagueira como sendo um modo de falar, com dificuldade, com repetições de palavras ou sílabas ou com alteração de velocidade de fala e 30% deles não caracterizam-na.

Quanto à questão da gagueira poder apresentar-se ou não relacionada à uma fase normal do desenvolvimento da criança, 44 % dos entrevistados afirmam não acreditarem nesta relação enquanto que 37% acreditam que pode haver relação entre a gagueira e uma das fases do desenvolvimento e que isso ocorre por volta dos 2 ou 3 anos de idade, assim que a criança começa a formar frases. Entretanto, 19% dos entrevistados têm dúvida quanto à esta questão.

Aqueles que acreditam que a gagueira possa ser normal numa fase do desenvolvimento justificam da seguinte forma:

- ✓ 'a criança pequena em fase de desenvolvimento tem dificuldades para pronunciar alguns fonemas';
- ✓ 'ela [a criança] está construindo sua fala', 'começando a falar frases', 'não sabe corretamente as palavras';
- ✓ 'porque ela tenta falar muito rápido e se atrapalha';
- ✓ 'porque ela tem medo, vergonha, e não tem certeza do que quer falar'.

Aqueles que não acreditam na relação entre a gagueira e o desenvolvimento da criança justificam como segue:

- ✓ 'quando ela [criança] aprendeu a falar, não aprendeu a falar gaguejando';
- ✓ 'dependerá muito do meio em que ela [criança] está inserida';
- ✓ 'porque eu nunca reparei nisto';

- ✓ 'talvez eu esteja enganada, mas em meu trabalho com pré-escola não vejo crianças gaguejando';
- ✓ 'a gagueira está relacionada a algum fator causador, ela não acontece de repente'

Aqueles que têm dúvida quanto a esta questão justificam da seguinte forma:

- ✓ 'algumas [crianças] gaguejam, mas logo param, e outras continuam';
- ✓ 'depende. Varia muito de criança para criança';
- ✓ 'porque existem vários casos de adultos que gaguejam, talvez não saíram quando criança desta fase';
- ✓ 'se ela estiver passando por algum problema emocional'

Ao serem perguntados se acreditam na existência de crianças que gaguejem com maior frequência quando se relacionam com determinadas pessoas ou situações que desencadeiam reações emocionais, 78% afirmam que sim e citam como exemplos a presença de pessoas tais como médico, dentista, professores, pessoas estranhas ou situações de avaliação escolar, etc.

Por outro lado, perguntados se consideram que a gagueira pode ser evitada, 63% respondem que acreditam nesta hipótese, no caso da gagueira ser de ordem emocional. Entretanto, 22% acreditam que a gagueira pode ser evitada quando diagnosticada no início ou se 'trabalhar a fala e o sistema nervoso' ou 'permitindo que a criança acredite na sua boa fala' ou 'quando a criança começar a gaguejar, por volta dos 2 ou 3 anos, não se deve fazê-la falar mais rápido, pois com a ansiedade gerada pelo adulto, a gagueira aparece'. 15% alegam, ainda, ser importante investigar a causa e acreditam que a gagueira pode ser evitada dependendo do motivo que a causou; 15% alegam não saberem de que forma pode ser evitada.

Dentre os professores investigados 10% apresentam uma forma de evitar a gagueira, uma delas centrada na informação dos pais e a outra por meio de procedimentos do professor. Além disso, 10% acreditam na prevenção apenas por intermédio de um profissional especialista.

Contrariamente aos que acreditam numa forma de se evitar a gagueira, 9% dos professores não acreditam que a gagueira possa ser evitada e justificam da seguinte forma: 'pode corrigir, não evitar'; 'porque não é previsível'.

Perguntados sobre atitudes que possam minimizar a gagueira, a amostra de professores investigada demonstra acreditar em atitudes tais como:

- ✓ (68%) 'pedir para a criança respirar, pensar e/ou falar devagar';
- ✓ (9%) 'sendo paciente'; 'tentar entender o que a criança fala com calma'; 'falar o correto de maneira sutil';
- ✓ (5%) 'ignorar a gagueira da criança';
- ✓ (5%) 'corrigir a criança após o término da fala';
- ✓ (3%) 'nada pode diminuir a gagueira'

Perguntados sobre a possibilidade da 'cura' da gagueira os professores responderam:

- ✓ (88%) acreditam na cura da gagueira;
- ✓ (9%) acreditam mas que depende da situação ('só se for criança'; 'depende da gagueira'; 'não cura mas pode-se controlá-la'.)
- ✓ (3%) não acreditam.

#### Conceitos, crenças e idéias dos professores em formação inicial sobre a gagueira e o processo ensino-aprendizagem escolar de crianças com o problema

A análise preliminar das relações entre idéias e crenças dos professores sobre a gagueira e o ensino-aprendizagem escolar (leitura e escrita) de crianças com o problema permite afirmar que 66% dos professores investigados não acreditam que crianças com gagueira tenham problema de aprendizagem escolar, contra 31% que afirmam acreditar nesta relação.

Os professores que não acreditam na relação justificam de formas diversas, ou desvinculando o problema da fala do aspecto cognitivo, ou relacionando a gagueira ao aspecto emocional. Entretanto, nenhum deles justificou com base em conhecimentos a respeito do ensino ou da aprendizagem escolar.

As transcrições das alegações dos professores ilustram o que afirmamos a respeito:

- ✓ 'a gagueira é problema da fala no sentido da comunicação, e acredito que não influencia na escrita';
- ✓ 'isso não é um problema que vai afetar o seu desenvolvimento cognitivo';
- ✓ 'porque ela não tem nenhum distúrbio mental';
- ✓ 'porque acho que uma coisa não interfere na outra';
- ✓ 'acredito que a gagueira não influencia na aprendizagem';

- ✓ 'não de aprendizagem, ela é capaz de aprender a ler e a escrever normalmente, provavelmente tenha "vergonha" para poder se expressar diante da sala de aula';
- ✓ 'conheço uma criança que apresenta gagueira e é super inteligente. É um bom aluno'.

Os professores que acreditam na relação entre a gagueira e problemas de aprendizagem justificam relacionando o problema da fala à escrita ou ao fator emocional:

- ✓ 'acredito que no momento da aquisição da leitura e escrita, a criança encontre dificuldade, pois nesta fase ela geralmente escreve da forma na qual ela fala';
- ✓ 'porque ela vai escrever de acordo com o que ela fala';
- ✓ 'a fala está intimamente ligada à escrita, não tem condições de separar uma da outra';
- ✓ 'no momento da escrita, ela vai escrever falando com a boca, assim ela escreve quantas vezes ela fala';
- ✓ 'quando a criança não fala direito, não lê, pois tem vergonha, e conseqüentemente não escreve direito';
- ✓ 'geralmente a pessoa se sente mal lendo oralmente ou pode escrever como fala';
- ✓ 'por se sentir envergonhada ao se expressar';
- ✓ 'nunca acompanhei, mas talvez na alfabetização'

#### A valorização do conhecimento sobre gagueira pelos professores em formação inicial

Perguntados sobre a valorização do conhecimento a respeito da problemática da gagueira e suas relações com a aprendizagem escolar, 94% deles mostram que consideram importante que o professor receba orientações específicas sobre como agir com a criança que gagueja, seja em seu curso de graduação ou em cursos ministrados por especialistas no assunto.

A análise das respostas, ilustradas como seguem, permitem afirmar:

**a) 50% das respostas dos professores mostram-se relacionadas com a problemática da prática de ensino**

- ✓ 'até hoje nunca encontrei nada no meu curso que se refira a "isso" e na prática pedagógica não sei como lidar com situações. Todo conhecimento que possuo são apenas deduções';
- ✓ 'é difícil como fazer em casos bem acentuados, que atitudes tomar para não deprimir mais ainda a criança'; 'porque às vezes, com determinadas reações, o professor pode acabar contribuindo para a piora do caso';
- ✓ 'será algo que, como educadores, poderíamos fazer para ajudar essa criança. Creio que saber sobre o assunto e possíveis intervenções é fundamental';
- ✓ 'para saber trabalhar corretamente com a criança';
- ✓ 'tudo que sabemos sobre nossas crianças é válido, no caso de nos depararmos com essa situação em sala de aula'

**b) 23% das respostas mostram-se relacionadas com a Educação da criança e o compromisso com o seu desenvolvimento.**

- ✓ 'para contribuir com o desenvolvimento da criança';
- ✓ 'porque ele [o professor] saberia como ajudar essa criança';
- ✓ [o professor] 'poderá ajudar a criança quando o problema acontecer';
- ✓ 'para adaptação da criança';
- ✓ 'para que saiba como abordar a questão com o aluno e com o grupo'

**c) 10 % das respostas mostram-se relacionadas com a ética na sala de aula**

- ✓ 'para que esta criança não seja motivo de gozação perante a classe. O professor precisa compreender e ajudar na fala';
- ✓ 'para poder trabalhar com o preconceito que a criança receberá dos demais colegas e também para auxiliar no tratamento';
- ✓ 'pois não fará a criança passar vergonha'

**d) 3% das respostas mostram-se relacionadas com a Educação da criança e o compromisso com os pais**

- ✓ 'é importante que o professor contribua com os pais na descoberta das causas'

**Atitudes dos professores em formação inicial em relação a crianças que gaguejam em situação de leitura e escrita**

A análise das respostas dos professores a perguntas referentes a atitudes com crianças em situação de LEITURA nos leva a afirmar que 41% das respostas não permitem qualquer tipo de inferência ou por não terem sido respondidas ou por não serem conclusivas; 28% das respostas apontam para atitudes de interferência por parte dos professores e indicam uma idéia de gagueira como sendo um distúrbio da fala, com alteração de velocidade (6% dessas respostas apontam para a atitude do professor de corrigir o aluno); 16% das respostas apontam para atitudes da não interferência (6% dessas respostas apontam para atitudes de proteção da criança com gagueira); 3% das respostas apontam para o desconhecimento total do assunto

As transcrições abaixo ilustram o que afirmamos a respeito de afirmações dos professores que denotam possíveis atitudes de interferência:

- ✓ 'deixá-lo ler e depois reler o texto para que ele perceba suas falhas';
- ✓ 'após a leitura, apresentar as dificuldades ao leitor (individualmente);
- ✓ 'acredito que o professor deva pedir para a criança respirar, pensar e ler devagar';
- ✓ 'acho que pedindo para ler devagar e pausadamente';
- ✓ 'pedir para que leia calmamente, que não tenha pressa';
- ✓ 'não terminar a palavra com ele';
- ✓ 'pedir para que leia devagar e respire fundo';

As transcrições abaixo ilustram o que afirmamos a respeito de afirmações dos professores que denotam possíveis atitudes de não interferência:

- ✓ 'ser um bom ouvinte';
- ✓ 'deixá-lo ler sem interrupção';
- ✓ 'agir naturalmente como se fosse um problema na leitura como qualquer outro';

As transcrições abaixo ilustram o que afirmamos a respeito de afirmações dos professores que denotam possíveis atitudes de proteção da criança:

- ✓ 'propiciar a tranquilidade e normalmente fazer leituras só com ela';
- ✓ 'ajudá-lo a ler'

A análise das respostas dos professores a perguntas referentes a atitudes com crianças em situação de ESCRITA nos leva a afirmar que 53% das respostas não permitem qualquer tipo de inferência ou por não terem sido respondidas ou por não serem conclusivas; 16% das respostas apontam para atitudes de interferência por parte dos professores e indicam uma idéia de gagueira como sendo um distúrbio da fala, com alteração de velocidade (6% dessas respostas apontam para a atitude do professor de corrigir o aluno); 25% das respostas apontam para atitudes de não interferência; 12% das respostas são evasivas.

As transcrições abaixo ilustram o que afirmamos a respeito do conhecimento dos professores, denotativos de possíveis atitudes de não interferência:

- ✓ 'acredito que a gagueira não vai influenciar a sua escrita';
- ✓ 'acho que ele escreve como as outras';
- ✓ 'fazer as correções normais';
- ✓ 'a mesma atitude adotada com os outros alunos'

As transcrições abaixo ilustram o que afirmamos a respeito de afirmações dos professores que denotam possíveis atitudes de interferência:

- ✓ 'mostrar as sílabas repetidas';
- ✓ 'escrever as palavras juntas e inteiras (frases e textos)';
- ✓ 'observação para não repetição ou omissão de palavras ou sílabas';
- ✓ 'mostrar o correto';
- ✓ 'procurar, em conjunto, corrigir a atividade de forma que a criança consiga detectar seus erros'

As transcrições abaixo ilustram o que afirmamos a respeito de afirmações dos professores caracterizadas como evasivas:

- ✓ 'quem lê bem, escreve bem';
- ✓ 'considerar o problema do aluno';
- ✓ 'propor atividades que permitam seu desenvolvimento';
- ✓ 'estar por perto'

Perguntados a respeito de atitudes com crianças em situações de leitura e escrita, mas em contextos diferenciados (situações de relacionamento isolado entre o professor e o aluno com o problema ou, então, no contexto da sala de aula), 37 % das respostas denotam atitudes de intervenção ('o professor deve conversar com calma, devagar'; 'deve incentivá-lo para mostrar que ele é capaz de melhorar'; 'pedir para que fale pausadamente', etc); 32% das respostas apontam para um tipo de atitude do professor relacionada à crença de que ou o professor nada pode fazer, ou que a melhor conduta deva ser de aceitação 'do problema' para não agravar a situação ('deixá-lo à vontade'; 'mostrar paciência e não pressioná-lo'; 'esperá-lo falar').

Entretanto, se o contexto da relação professor-aluno é a sala de aula, diante dos colegas, 31% das respostas revelam atitudes éticas ou de proteção da criança com gagueira ('não colocá-lo em situações embaraçosas'; 'fazer com que os colegas não o discriminem na sala'; 'não deixar virar motivo de risadas', etc); 16% das respostas revelam preocupação com a conscientização coletiva em torno do problema ('explicar a dificuldade do colega e pedir que o ajude'; 'deixando claro aos colegas que ele não é diferente dos outros só pelo fato de ser gago'; 'os colegas devem tratá-lo normalmente'); 9% das respostas apontam para atitudes de socialização da criança com o problema ('estimular a participação do aluno junto aos colegas'; 'contribuir para interação'; 'permitir que esse aluno se sinta alguém de valor e que sua participação é fundamental'); 16% das respostas apontam para atitude de não intervenção ('agir com naturalidade, demonstrando respeito à individualidade de cada um'; 'tratá-lo normalmente'); 25% das questões não foram respondidas.

### Conclusões preliminares

Os resultados do nosso estudo corroboram com dados da literatura ao revelarem que embora 88% da amostra de professores em formação inicial aleguem conhecimento sobre a problemática da gagueira e valorizem este tipo de conhecimento, seus saberes caracterizam-se incipientes e de senso comum.

As afirmações de 94% dos professores em formação inicial, relacionadas a situações de

leitura e escrita, valorizam o conhecimento a respeito da problemática da gagueira e suas relações com a aprendizagem escolar, consideram importante que o professor receba orientações específicas sobre como agir com a criança que gagueja, seja em seu curso de graduação ou em cursos ministrados por especialistas no assunto. Denotam senso de (co)responsabilidade no processo da aprendizagem escolar da criança com o problema, compromisso para com o desenvolvimento integral da criança, ética no trato deste assunto na sala de aula, compromisso com os pais, etc. Entretanto, chamam particularmente a nossa atenção, entre outros: a) o fato de 44 % dos professores em formação inicial não acreditarem na possibilidade da gagueira estar relacionada à uma fase normal do desenvolvimento da criança contra 37% que dizem acreditar nesta relação; b) o fato de 66% deles não acreditarem que crianças com gagueira tenham problema de aprendizagem escolar, contra 31% que afirmam acreditar nesta relação.

A análise dos resultados referentes ao conhecimento dos professores relacionado à situação de leitura e escrita de crianças com o problema mostra, ainda, que 30% deles, aproximadamente, admitem conhecer a problemática, mas pelo menos 50% deles, aproximadamente, concebem, como sendo corretas, atitudes de interferência pouco favorecedoras ao desenvolvimento integral da criança ('pedir para a crianças respirar', 'ficar calma', 'escrever corretamente', etc).

Tais resultados corroboram com os achados de Ainsworth & Fraser (1989) e Dalton & Hardcastle (1996), citados por Barbosa & Chiari (1998), entre outros, e apontam a necessidade de aprofundamento de estudos dessa natureza visando favorecer a construção de saberes pedagógicos sobre a problemática da gagueira de crianças em situação escolar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHA. Special Interest Division 4: Fluency and Fluency Disorders. Terminology pertaining to fluency and fluency disorders: Guidelines. *Asha*, p.29-36, 1999. suppl.19.

BARBOSA, L. M. G. *Conhecimento de senso comum e conhecimento acadêmico; sua influência na compreensão da etiologia, prevenção e tratamento da gagueira*. 1995. Tese (Mestrado) Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

BARBOSA, L. M. G.; CHIARI, B. M. *Gagueira: etiologia, prevenção e tratamento*. Carapicuíba: Profono, 1998.

CHIQUETTO, M. M. *Reflexões sobre a gagueira; concepções e atitudes dos professores*. 1992. Tese (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DINVILLE, C. *A gagueira: sintomatologia e tratamento*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1993.

FRIEDMAN, S. *Gagueira; origem e tratamento*. São Paulo: Summus, 1986.

GIROTO, C. R. M. Expectativas de professores de 1.a a 4.a série da rede pública em relação à atuação do fonoaudiólogo em escolas. 1998. *Dissertação (Mestrado)* Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília.

GLATTER, R. R. A gestão como meio de inovação e mudança nas escolas, in: Nóvoa, A (Coord.) *Organizações escolares em análise*, Lisboa: Porto Editora, 1992.

GUITAR, B. *Stuttering: an integrated approach to its nature and treatment*. Maryland: Williams & Wilkins, 1998.

HARRES, J. B. (1997) Uma revisão de pesquisas nas concepções de professores sobre a natureza da ciência e suas implicações para o ensino. *Investigação em Ensino de Ciências*. Porto Alegre: Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol4/n3/harres.htm>. Acesso em 06 fev.2000.

HASHWED, M. Z. *Toward a explanation of conceptual change*. *European Journal Education*, v.8, n.3, p.229-249, 1986.

HASHWEH, M. Z. Effects of "science teachers" epistemological beliefs in teaching. *Journal of Research in Science Teaching*, v.33, n.1, p.47-63, 1996.

HEWSON, P. W. A conceptual change approach to learning science. *European Journal Education*, v.3, n.4, p.383-396, 1981.

HODSON, D. Filosofia da ciencia y educación científica. In: PORLÁN, R. GARCIA, J. & CANAÑA, L. (Orgs.) *Constructivismo y Enseñanza de las ciencias*. Sevilla: Diada, 1988. p.5-21.

JAKUBOVICZ, R. *A gagueira; teoria e tratamento de adultos e crianças*. 3.ed. Rio de Janeiro: Antares, 1986.

JIMENEZ, M. V. Conceptiones y practicas de aula de profesores de ciencias, en formación inicial de primaria y secundatia. *Ensenaza de las Ciencias*, v.14, n.3.p.189-302, 1996.

MORAIS, A M. *Socialização primária e prática pedagógica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

PEREIRA, L. D.; SANTOS, A. M. S.; OSBORN, E. Ação preventiva na escola: aspectos relacionados à integração professor e aluno e a comunicação humana. In: VIEIRA, R. M. et al. *Fonoaudiologia e saúde pública*. São Paulo: Pró-Fono, 1995, p.195.

PRAIA, J.; CACHAPUZ, A. F. C. Un analisis de la concepciones acerca de la natureza del conocimiento científico de los profesores portugueses de la enseñanza secundaria. *Enseñanza de las Ciencias*, v.12, n.3, p.350-354, 1994.

RUSCELLO, D. M. et al. Special educators' perceptions of stutterers. *J. Fluency Disord.*, v.12, p.125-132, 1994.

SALVADOR, C. C. *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Trad. Emília de Oliveira Dihel. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

STRIKE, K. A.; POSNER, G. J. Conceptual change and science teaching. *European Journal Education*, v.4, n.3, p. 231-240, 1982.